BULLYING ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DISSERTATIVA

ALINI NASCIMENTO SOUSA ALVES

RESUMO
Este artigo tem como objetivo analisar o bullying escolar sob a perspectiva das relações de gênero, buscando compreender as dinâmicas e impactos específicos que as concepções normativas sobre masculinidade e feminilidade têm sob este fenômeno. As relações de gênero são resultado de um processo de aprendizado ao longo da vida, que se inicia desde o nascimento e pode acabar por reforçar as desigualdades entre homens e mulheres. O bullying é uma forma de violência multifacetada que afeta inúmeras crianças e adolescentes em todo o mundo, resultando em consequências negativas para sua saúde física e mental, bem como para seu desempenho acadêmico. A pesquisa é orientada por uma abordagem qualitativa, utilizando-se de revisão bibliográfica e análise de estudos de casos presentes na literatura para investigar as interações entre bullying e as relações de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying; Educação; Gênero; Violência escolar.

INTRODUÇÃO

O bullying é uma forma de violência que tem recebido crescente atenção nas pesquisas acadêmicas da área da educação. De acordo com Schultz et. al (2012) as primeiras pesquisas sobre o tema no Brasil tiveram origem na década de 90. Um dos principais estudos sobre o fenômeno foi realizado por Fante (2005) em escolas do interior de São Paulo entre os anos de 2001 e 2003. A pesquisa constatou que cerca de 49,8% dos alunos envolveram-se em comportamentos de bullying. Destes 22,4% eram vítimas, 14,9% eram autores e 12,83% eram vítimas e autores. Ainda de acordo com esse estudo, os principais comportamentos eram os maus-tratos verbais, com prevalência de apelidos pejorativos e as gozações, sendo a sala de aula o principal cenário da violência escolar.
De acordo com Fante (2005) o termo "bullying" tem origem na língua inglesa e não possui um equivalente direto na língua portuguesa. "Bully" pode ser traduzido como valentão e tirano, relacionado aos verbos oprimir e ameaçar. O bullying se caracteriza por manifestações de agressão física (bater, chutar, beliscar), verbal (apelidar, xingar, zoar, insultar), emocional (intimidar, ameaçar, perseguir), moral (difamar, caluniar, discriminar) e até mesmo virtual (discriminar e difamar por meio das redes sociais), material (furtar, roubar, danificar pertences) e moral (difamar, caluniar e discriminar). As agressões são caracterizadas como bullying pois são intencionais e repetidas e evidenciam uma relação desigual de poder sem motivação aparente (Fante, 2005). Nesse sentido, a perspectiva de gênero torna-se essencial para entender o bullying, pois as interações e comportamentos agressivos podem ser influenciados pelas normas sociais e expectativas de gênero presentes na sociedade, essas normas podem reforçar estereótipos prejudiciais e criar hierarquias de poder nas relações entre os estudantes.
Este artigo utilizará uma abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica, a fim de explorar as diferentes manifestações do bullying escolar com ênfase nas relações de gênero.
Em um primeiro momento busco realizar uma revisão bibliográfica sobre o bullying escolar trazendo algumas discussões já levantadas pela literatura especializada.
Na segunda parte do artigo apresento o conceito de gênero conforme discutido pela historiadora norte-americana Joan Scott, além disso, busco demonstrar como o gênero dá significado às relações de poder no ambiente escolar, relacionando este conceito com o fenômeno do bullying, considerando fatores como o papel das expectativas de gênero na agressão.
Nas considerações finais busco apresentar algumas formas de intervenção e enfrentamento ao bullying entre os pares no ambiente escolar. Através desse trabalho, espero contribuir para uma compreensão mais aprofundada do bullying escolar e fornecer insights que possam orientar a imple-

mentação de políticas educacionais e outras intervenções eficazes para a prevenção e combate ao bullying baseado em gênero nas escolas. É fundamental criar ambientes educacionais seguros e inclusivos, onde todos os estudantes se sintam respeitados e protegidos.

BULLYING: CONCEITUANDO A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Abramovay (2002) aborda a violência escolar como um fenômeno complexo, relacionado a diversos fatores sociais, culturais, econômicos e institucionais. Ele argumenta que a violência na escola não é apenas uma questão individual, mas um reflexo das desigualdades e injustiças presentes na sociedade em geral.

Nesse sentido, a violência escolar não se limita apenas à agressão física, ela inclui também a violência simbólica, a violência moral e a violência estrutural. Abramovay (2002) dá exemplos que esclarecem o que o autor considera como violência moral:

> Falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher aos seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (ABRAMOVAY, 2002, p. 69)

De acordo com a literatura, " [...] o bullying diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal por meio da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de outra mais poderosa (Ribinski, 2022 apud. Neto, 2005). Esses comportamentos envolvem várias estratégias de intimidação do outro, resultando em práticas violentas realizadas por um indivíduo ou pequenos grupos de forma regular e frequente, o termo "bullying" inclui tanto a agressão individual quanto em grupo, como descrito por Olweus (1993).

As condutas de bullying possuem características comuns e específicas: são comportamentos que ocorrem ao longo de um período prolongado, direcionados a uma vítima específica. Essas agressões estão ligadas a um desequilíbrio de poder, o que torna difícil para a vítima se defender. Esse desequilíbrio de poder pode estar baseado em aspectos físicos, culturais, sociais, raciais ou econômicos. O agressor geralmente busca explorar sua vantagem na hierarquia de poder para exercer controle sobre a vítima.

De acordo com Kátia Regina Pupo (2007) para a melhor compreensão da problemática da violência escolar em sua complexidade e amplitude é necessário se apropriar das diversas áreas de conhecimento acadêmico, como a sociologia, a antropologia, a psicologia e as ciências jurídicas. Nas páginas que seguem, busco pautar minha reflexão de acordo com a perspectiva multidisciplinar.

CONTEXTUALIZANDO O BULLYING A PARTIR DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Apresento o conceito de gênero utilizando como ancoragem teórica o trabalho de Joan Scott (1990). Em seu trabalho, Joan Scott (1990) retoma criticamente o conceito de gênero.

Scott (1990) traça um breve panorama histórico do uso das palavras gênero e sexo. De acordo com a autora, ao longo do tempo "[...] as pessoas utilizaram de forma figurada os termos gramaticais para evocar traços de caráter ou traços sexuais" (Scott, 1990, p. 50). Em contraste com essa perspectiva, as feministas passaram a fazer o uso da palavra gênero "[...] no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos" (Scott, 1990, p. 50)

A autora ressalta que o termo gênero ganhou força primeiro entre as feministas estadunidenses que queriam explicitar o aspecto social das distinções baseadas no sexo. O conceito passa a aparecer como uma alternativa à "sexo" e "diferença sexual" termos carregados de teor biologizante. Sublinhar as questões de gênero em cada disciplina significa a possibilidade de revisão dos mé-

todos do trabalho científico, além da adição de outras categorias de análise como raça e classe. O gênero se constitui como uma importante ferramenta de análise das relações de poder, nas palavras de Joan Scott (1990):

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição homem/mulher e fundamenta ao mesmo tempo o seu sentido. Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa, fora de qualquer construção humana, fazendo parte da ordem natural ou divina. Desta forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se ambos, partes do sentido do próprio poder (SCOTT, 1990, p. 21).

A compreensão de Scott (1990) acerca da definição de gênero é um passo importante para o entendimento das relações sociais pois enfatiza que as representações do feminino e do masculino são construções culturais e históricas.
Isto posto, é necessário fazer uma aproximação deste conceito com o universo de nosso interesse, a escola. Para realizar essa aproximação, busco utilizar o aporte teórico adotado para compreender as relações de gênero em contextos específicos.
De acordo com Ribinski (2022) as relações de gênero são um produto do aprendizado vivenciado pelo sujeito desde criança até a vida adulta, e agrava as desigualdades existentes entre o masculino e feminino em torno de quatro principais eixos: sexualidade, reprodução, divisão sexual do trabalho e cidadania (Ribinski, 2022 apud. Cabral, Díaz, 1998). Nesse sentido, o processo de generificação dos corpos nos traz reflexões, por exemplo, sobre a associação entre esporte e masculinidade; a vivência homossexual considerada como desviante e abjeta; a associação do corpo feminino com a maternidade.
Considerando que a escola desempenha um papel significativo na socialização das crianças e na reprodução de normas e valores de gênero na sociedade. Moreno Marimón aponta que a escola pode assumir uma dupla função:

Em lugar de ensinar o que os outros pensam, (a escola) pode ensinar a pensar; em lugar de ensinar a obedecer, pode ensinar a questionar, a buscar os porquês de cada coisa, a iniciar novos caminhos, novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo. (MARIMÓN, 1999, p. 17).

Na citação acima, Moreno Marimón (1990) busca demonstrar como a escola pode tomar para si a tarefa de desvelar e resistir às concepções e atitudes sexistas e também, por outro lado, escolher reproduzir as desigualdades de gênero presentes em nossa sociedade. Caso a escola opte pela última opção estará contribuindo para a manutenção de um sistema de pensamento que organiza os sujeitos de acordo com os estereótipos de gênero. Goellner (2006) explica que a separação de meninos e meninas, em grupos de estudo, filas, por exemplo, muitas vezes é estimulada pelas atividades escolares e provocam insultos e agressões físicas ou verbais sem motivação específica.
Para Pupo (2007) a erradicação do sexismo no ambiente escolar vai além do tratamento equitativo de alunas e alunos. É necessário explicitar o caráter social e cultural dos modelos de conduta existentes e como:

A linguagem, o pensamento científico androcêntrico, os conteúdos de ensino das diversas disciplinas, os procedimentos pedagógicos e padrões de relação entre professoras (es) e alunas (os) contribuem para a manutenção do status quo feminino e masculino (PUPO, 2007, p. 66).

Enfim, é necessário compreender que essas dinâmicas são resultado de uma construção social, por essa razão, é necessário que a escola tenha um projeto político e pedagógico bem definido que trate as diferenças como um elemento fundamental no processo da aprendizagem.
Sobre a generificação dos corpos no âmbito escolar, a literatura sugere que o espaço escolar muitas vezes reforça a demarcação entre o que é considerado socialmente pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino. Michele Mattos Mattos (2012) sublinha:

Para a escola é mais aceitável que os meninos tenham uma tendência maior em romper com as regras do que as meninas, já que eles devem ser fortes e ágeis. Atitudes mais afressivas não são aceitáveis para as meninas, já que elas devem ser sempre delicadas e frágeis perante as práticas normalizadas para cada sexo (MATTOS, 2012, p. 42).

A violência de gênero pode ser caracterizada por qualquer forma de violência que ocorre devido à desigualdade entre os gêneros e afeta principalmente mulheres e pessoas com identidades de gênero dissidentes. É o que também demonstra o relatório produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2019) é comum que meninos sejam provocados por sua falta de masculinidade ou meninas por sua falta de feminilidade.
Embora não exista uma prevalência do comportamento entre gêneros, pesquisas demonstram que a variedade de bullying praticada pelos meninos geralmente envolve a força física. Tal constatação não deve ser utilizada a favor da tese de uma agressividade natural e incontornável associada à masculinidade.
A literatura também revela que as meninas, ao contrário dos meninos, fazem uso de outras ferramentas como intrigas, fofocas e isolamento, difamação e exclusão social. Para Simmons (2004, p. 33) o bullying praticado é diferente pois reflete a diferença do universo tido socialmente como feminino e masculino.
Ainda que o bullying possa ser entendido como uma violência, na realidade do contexto escolar lidar com este fenômeno se mostra uma tarefa desafiadora sendo os atos de bullying erroneamente interpretados como uma simples indisciplina ou violação das regras institucionais da escola. Maria José D. Martins explicita:

Os conceitos de disciplina e de indisciplina estão claramente associados a determinados contextos sócio-históricos, aos valores e às políticas educativas dominantes e podem ainda variar em função de micro-contextos específicos como sejam a natureza das disciplinas ou unidades curriculares, dos métodos pedagógicos utilizados pelos professores e das regras de convivência que as escolas explicitam para os diferentes espaços e momentos em que decorrem as atividades de alunos, professores e funcionários. Para sabermos o que é e como prevenir a indisciplina numa determinada escola, devemos primeiro saber o que é e como é promovida a disciplina. (MARTINS, 2011, p. 01 apud FREIRE, 2011).

De acordo com Tognetta e Vinha (2008) o fenômeno transcende a mera indisciplina, as autoras o enxergam como uma forma de violência entre pares que deve ser analisado e compreendido do ponto de vista psicológico e do ponto de vista de sua especificidade, visando ajudar tanto as vítimas como os agressores. As autoras salientam que as propostas de intervenção devem abordar as relações interpessoais e intrapessoais, considerando a necessidade de ações abrangentes que busquem promover o desenvolvimento moral dos indivíduos.
Maria José Martins (2011) sugere algumas estratégias para lidar com o bullying: conduzir um reordenamento dos espaços de recreio e de circulação, realizar questionários ou entrevistas para identificação das condutas de bullying, realização de reuniões com os pais e professores e implementação de conteúdos curriculares que tenham por objetivo promover condutas cooperativas e pró-sociais.
As multifacetas do fenômeno se mostram evidentes quando consideramos as consequências vivenciadas pelas vítimas, dentre as principais consequências destacadas pela literatura estão: o abandono escolar, o não comparecimento regular às aulas, baixo desempenho acadêmico, uso de substâncias entorpecentes, depressão, ansiedade, isolamento social, baixa auto-estima e comportamento agressivo. O que supostamente deveria ser um ambiente acolhedor e inclusivo da diversidade, se mostra como um local hostil onde estudantes situados além do que se convencionou como normalidade podem ser potenciais vítimas de intimidação, exclusão e agressão.
Além disso, alunos vítimas de bullying rela-

tam sentimentos de medo e vergonha frente à possibilidade de expor aos pais e professores as agressões sofridas. Isto porque temem ser vítimas de silenciamento ou novas agressões. Como Kátia Regina Pupo (2007, p. 219) nos fala, a violência moral causa sentimentos negativos na percepção de si mesmo, o que acaba por impedir os "[...] alunos e alunas de encontrarem forças para solucionar os conflitos. Ainda de acordo com a autora, a baixa auto-estima dificulta a construção de relações interpessoais justas e equitativas, nesse sentido:

É preciso reconhecer a responsabilidade das escolas pelo estreito panorama de possibilidades que os (as) estudantes vislumbram na solução dos conflitos e buscar construir uma cultura de paz através de recursos originados no interior da própria instituição. Tratar a questão do manejo de situações conflitivas por meio de debates e grupos de discussão em sala de aula e da implantação de metodologias e de projetos pedagógicos que incorporem verdadeiramente a dimensão afetiva e relacional presentes na origem e desfechos dessas situações pode ser uma possibilidade promissora (PUPO, 2007, p. 219)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo busquei explorar a complexa relação entre o bullying e o gênero, destacando que não há prevalência de sexo ou gênero no envolvimento em atos de bullying, tanto como agressores quanto como vítimas. Demonstrei de acordo com a literatura existente que há sim diferenças nas manifestações do bullying entre os gêneros, é crucial compreender que todos os indivíduos são prejudicados por essa forma de violência.

As relações de gênero são construções sociais que definem as expectativas, papéis e comportamentos de homens e mulheres em uma determinada sociedade. Essas estruturas podem variar amplamente entre as culturas e ao longo do tempo. O papel das relações de gênero no bullying escolar é complexo e multifacetado. Como extensão da sociedade, o ambiente escolar também pode reproduzir expectativas, estereótipos, comportamentos e agressões.

As normas de gênero muitas vezes criam estereótipos e expectativas estritas de como meninos e meninas devem se comportar. Isso pode levar a manifestações de formas de bullying específicas de gênero. Por exemplo, os meninos podem ser alvo de agressão física e verbal, enquanto as meninas podem ser vítimas de bullying emocional e exclusão social. Além disso, as relações de poder influenciadas pelas normas de gênero podem afetar a perpetuação e tolerância do bullying nas escolas.

Por exemplo, homens geralmente são associados à força física e à capacidade de realizar tarefas vigorosas, liderança em áreas como trabalho e política. É esperado que homens reajam a situações perigosas de maneira destemida, que sejam competitivos na vida profissional e também se espera que os homens sejam reservados em relação às suas emoções e reprimam expressões emocionais de vulnerabilidade. Por último, há uma expectativa social de que os homens sejam provedores financeiros para suas famílias, assumindo a responsabilidade pelo sustento e bem-estar econômico do núcleo familiar.

Para prevenir a violência escolar e enfrentar o bullying, uma abordagem abrangente e inclusiva é essencial. Isso envolve a conscientização da diversidade de gênero e o respeito à identidade de cada sujeito, que deve ser promovido nos lares e nas escolas. Os educadores desempenham um papel vital na implementação de programas de prevenção do bullying, esforçando-se para criar uma comunicação empática e respeitosa com os alunos que deve envolver a comunidade em geral, incluindo pais, cuidadores e profissionais de saúde.

Outra estratégia eficaz é criar espaços seguros para que as vítimas denunciem o bullying sem medo de represálias. As pessoas que sofrem bullying devem ter acesso a mecanismos de resolução de problemas e apoio psicológico.

Também é importante perceber que o bullying baseado em gênero afeta não apenas a vítima, mas também o perpetrador.

Meninos e meninas podem internalizar essas normas de gênero e buscar ganhar po-

der e status através do bullying. Portanto, abordar o bullying escolar relacionado ao gênero requer não apenas a proteção das vítimas, mas também a desconstrução das normas de gênero prejudiciais e a promoção de relações saudáveis e igualitárias entre os estudantes.

Em última análise, a sociedade como um todo precisa se esforçar continuamente para desafiar as normas de gênero e promover uma cultura de respeito e igualdade. Através da colaboração entre escolas, famílias e profissionais, podemos criar um ambiente onde todos sejam tratados com respeito e dignidade.

O bullying escolar está intimamente relacionado às relações de gênero. Ao abordar o bullying relacionado ao gênero, é imperativo reconhecer e desafiar as normas de gênero prejudiciais que perpetuam esse comportamento. Somente por meio de uma abordagem abrangente, interdisciplinar e inclusiva que promova a igualdade de gênero e o respeito mútuo podemos combater efetivamente o bullying escolar e criar ambientes de aprendizagem seguros e saudáveis para todos os alunos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. (org.) Escola e violência. Brasília: Unesco, 2002.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. Violências nas escolas. Brasília: Unesco, 2002.

FANTE, Cléo. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus Editora, 2005. LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria. Rio de Janeiro, 2005. P. 164-175.

GOELLNER, Silvana V; SILVA, Ana Márcia. Esporte, Lazer, ciência e tecnologia: indicadores para uma política nacional. Lecturas educacion fisica y deportes (Buenos Aires), Buenos Aires, v. 92, 2006.

MARTINS, M. J DE. Prevenção da indisciplina, da violência e do bullying nas escolas. Disponível em: <http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/es_01a_03_MJDM.htm>. Acesso em: 28 jun. 2023.

MATTOS, M. Z. DE. Bullying e as relações de gênero presentes no espaço escolar. 2012.

MORENO, M. Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

OLWEUS, D. Conductas de acoso y amenaza entre escolares. Madrid: Ediciones Morata, 1993.

PUPO, Katia Regina. Violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.48.2007.tde-27112007-142609. Acesso em: 28 jun. 2023.

REGINA, L.; TOGNETTA, P.; PILEGGI VINHA, T. Estamos em conflito: eu, comigo e com você! Uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Educacao/Doutrina/Bullying%20Estamos %20em%20conflito.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

RIBINSKI, G. INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS DIFERENTES CONTEXTOS DO BULLYING. Disponível em: <https://repositorio.udf.edu.br/jspui/bitstream/123456789/4293/1/TCC_gabrielly%20ribinski.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, nº 16.v.2, p. 5-22, jul/dez, 1990.

SCHULTZ, N. C. W. et al. A compreensão sistêmica do bullying. Psicologia em Estudo, v. 17, p. 247–254, 1 jun. 2012.

SIMMONS, R. Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação

mundial. 2019. Disponível em:https://sites.usp.br/sp-proso/wpcontent/uploads/sites/526/2019/07/violencia_es colar_bullying_unesco.pdf. Acesso em: 28 jun. de 2023